



O Processo De Modernização E Suas Representações Literárias: O Caso Do Observatório Astronômico Antares De Feira De Santana Na Década De 1970

LISE MARCELINO SOUZA¹

O presente trabalho identifica, em três obras literárias, sinais do processo de modernização ocorridos em um cenário urbano. A trama de dois desses romances, *Setembro na Feira*, de Juarez Bahia, publicado em 1986, e *O bicho que chegou a Feira* de 1991, escrito por Muniz Sodré, ocorre na cidade de Feira de Santana, Bahia, durante o século XX, enquanto o outro, *O fruto do vosso ventre*, de Herberto Sales, do ano de 1984, se passa em uma ilha imaginária.

Utilizamos passagens desses romances a fim de elucidar a ideia de modernidade. Essa, encontra-se definida por Marshall Berman da seguinte maneira:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, religião e ideologia: nesse sentindo, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 1986: 15).

Nas três obras literárias, encontramos sinais dessa definição de Berman. Nelas, vê-se, por exemplo, ambientes sociais em constante transformação, como também a existência do paradoxal, indo desde posições políticas aos sentimentos humanos. Em um deles, lê-se: “A inauguração dos Currais Modelo estimula novidades, até destrói alguns tabus. As mulheres da rua do Meio, livre, disponíveis, fazem *trottoir* nos largos passeios dos Currais.” (BAHIA, 1986: 35)

Nessa medida, entendemos que há semelhança entre o mundo real e a ficção. Para fazer tal comparação, trouxemos, além dos romances, o contexto da cidade de Feira de Santana, na década de 1970, e o Observatório Astronômico Antares como sintoma da chegada de novas ideias ao município.

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas, Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais.

A trajetória dessa entidade está inserida no processo de desenvolvimento de Feira de Santana com vistas a se tornar uma aglomeração urbana moderna. O Observatório Antares é aqui analisado como parte da experiência de modernização tecnológica que se verificou na cidade no curso dos anos de 1970. Sua implantação fez parte das iniciativas que visavam dotar a cidade de uma estrutura moderna, o que se verificou naqueles anos, em diversas localidades em âmbito nacional, particularmente no Nordeste.

Essa entidade foi concebida dentro dos propósitos de modernidade almejados por segmentos da sociedade local. Embora não exista qualquer referência ao Antares nas obras ficcionais, nelas predominam a ideia do progresso. E o Antares foi isso para a sua época, um símbolo do progresso.

Na imprensa local, encontramos matérias que associam o surgimento de novas ferramentas como necessidade do progresso. O próprio jornal *Feira Hoje* foi criado com a função de comunicar e ser um órgão capaz de estar à altura da cidade que estava rumo ao avanço, como é possível ver a partir do seguinte fragmento:

Todos nós sabemos que a Feira de Santana cresce em todas as dimensões e em todos os sentidos. A sua posição, hoje, não é, apenas, a de uma cidade comum que arrancou para o futuro. É a de líder inconteste de uma região. E aí reside a sua grande responsabilidade e a de todos que aqui trabalham. Faltava, entretanto, um órgão de divulgação que assumisse a vanguarda das reivindicações maiores do povo da Feira de Santana e da região. Um jornal que levasse uma mensagem de esperança, de fé, de confiança no porvir. Foi isso que nos propomos há um ano, quando lançamos nas ruas o primeiro número do FEIRA HOJE. Com consciência de nossa missão e certos das dificuldades que encontraríamos para que a terra de todos nós tivesse um jornal à altura do desenvolvimento. (FEIRA HOJE, 1971: 2)

Nessa mesma perspectiva, podemos ver a implantação do Observatório Antares. Em uma matéria publicada no jornal *Folha do Norte*, é noticiado o surgimento da entidade. Com título “Feira terá um Observatório”, o texto informa, por exemplo, que o objetivo da entidade era difundir a ciência astronômica no estado. Segundo a reportagem, com o Antares, os cidadãos feirenses poderiam se orgulhar, pois o município se tornaria “satélite do desenvolvimento científico do estado”.

No romance, *Setembro na Feira*, a imprensa é retratada por meio do *Correio Feirense*, *Folha do Norte* e pelo Serviço Feirense de Alto-falantes. Há na trama, um fragmento em que esse último estava com uma programação especial devido à inauguração dos Currais Modelo, como vemos a seguir:

É um dia memorável. O Serviço Feirense de Alto-falantes repica o hino à Feira em cada intervalo como um sino de incessante badalar. O povo concentra-se admirado e atento em frente aos aparelhos, funis gigantes, de amplificação do som, uma curiosidade tão grande quanto os currais novos com suas cercas padronizadas [...] (BAHIA, 1986: 34)

No livro *O bicho que chegou a Feira*, destaca-se o *Jornal da Bahia*. Na trama, há duas notícias sobre Feira de Santana. Uma, era pequena nota informando acerca de uma fuga com troca de tiros, e a outra se tratava de uma grande reportagem que falava sobre o pólo industrial que se planejava instalar na cidade.²

Já no romance *O fruto do vosso ventre*, a imprensa aparece enquanto criação do próprio governo, sob alegação de que povo deveria ser seguramente informado com notícias exatas, sem desencontros. Para isso, havia na ilha três jornais; *O Jornaltec*, *A Tecnocracia* e o *Estado Tecnocrático*, além de duas estações de rádio, um canal de televisão e um órgão criado pelo governo, o *Cenint* (Complexo Estatal da Notícia Integrada).³

Esses três romances foram produzidos por baianos do interior e que tiveram atuação profissional na imprensa. Com o Antares, não foi muito diferente. Dos 14 dirigentes eleitos para compor a diretoria da entidade, seguramente sete deles, atuavam na imprensa local e regional, inclusive, o diretor e fundador Augusto César Orrico que possuía colunas em dois periódicos da cidade, o *Folha do Norte* e o *Feira Hoje*.

Em 1970, com aproximadamente 18 anos, Orrico aparecia na imprensa como porta-voz da astronomia. Ele era responsável pela coluna semanal “Astronomia em Foco”, do jornal *Folha do Norte*. Nesse lugar, Orrico publicava as notícias de fenômenos astronômicos, bem como atualizava os feirenses sobre eventos e progressos da área. Sua atuação, não só despertou o interesse dos conterrâneos por essa ciência como também o colocou em posição de referência e destaque para falar da astronomia no cenário local.

A coluna “Astronomia em Foco” ocupou as páginas também do periódico *Feira Hoje*. No entanto, esse título, anos depois, foi abandonado e as informações astronômicas produzidas por Orrico passaram a ser publicadas em outra coluna, que era intitulada pelo céu

² (SODRE, 1991:147)

³(SALES,1984:16)

de cada mês, por exemplo, “Céu de Janeiro”.⁴ Nessa coluna, eram frequentes, além da presença dos textos astronômicos, desenhos que representavam a posição das constelações do mês. Essas imagens vinham referenciadas enquanto produção do Observatório Astronômico Antares.

Ao falarmos de cada um dos livros, poderíamos seguir a ordem de publicação deles. No entanto, para fins de melhor compreensão, faremos de acordo com a linha temporal que os autores situaram a escrita e as diferentes abordagens sobre a chegada da modernidade.

Começemos por *Setembro na Feira*, cuja trama se passa após os anos de 1930 e aborda questões como o enfraquecimento do coronelismo; a implantação dos Currais Modelo e a construção de rodovias federais, trazendo novidades e o encurtando a distância entre norte e sul do país.

Em segundo, está *O bicho que chegou a Feira*, que se reporta aos primeiros anos do regime de 1964. Segundo o narrador, para fins de funcionamento do novo sistema político, chega à cidade um “padre-armado”. Para uma parte dos feirenses, é despertado o sentimento de estranhamento, para a outra, os grandes homens do município, vê-se a partir dele, a possibilidade de mudança e uma maneira de se manter no poder.

Já *O fruto do Vosso ventre* remete a uma ilha num futuro distante. É, segundo o apresentador Octávio de Faria, “[...] um grito contra a tecnocracia, os excessos da técnica e dos tecnocratas, os disparates a que ela é levada pelo próprio desenvolvimento de sua implacável lógica”. (SALES,1984:xi)

Setembro na Feira nos mostra que as modificações em uma cidade, são constantes, sinalizadas em fragmentos como esses: “Quando menos o Campo do Gado sentir, Feira de Santana já cresceu ao seu redor, amando boi, os cavalos, os carneiros e os porcos do Campo do Gado, curtindo o couro nos velhos curtumes, porém criando e recriando outros valores para competir com o progresso.”(BAHIA, 1986: 57)

Nessa trama, o gado deixa de ser comercializado nas ruas da cidade e passa a ser negociado dentro dos limites estabelecidos pelo que era visto como moderno. A partir dali, os animais teriam um local cercado, denominado Currais Modelo, para ser comprado, vendido e até cortado. Segundo o personagem Coronel Farinha, um dos responsáveis pela despesa da nova construção, havia poucos currais daquele no mundo e de acordo com o romance:

⁴ *Jornal Feira Hoje*, Feira de Santana, 31dez. 1974, p.8.

A feira com os Currais se transforma, passando de um centro de pequenos negócios, de pequenos serviços, de intercâmbios artesanais a um enorme entreposto com seu mercado de produtos agrícolas e pastoris, seu grande comércio e sua nascente indústria com os estabelecimentos de beneficiamento do fumo, do algodão, do couro. O gado descortina essa nova era comercial e industrial, os Currais Modelo dão a cidade aspecto de uma província do ouro que para chegar ao ápice só espera o fim da rodagem para o Sul. (BAHIA, 1986: 36)

Assim como tantas outras aglomerações urbanas, Feira de Santana, não parou no tempo.

Sabe que aristocracia rural tornou-se decadente e que isto coincide com estes últimos anos quarenta, que a terra deixou de ser a unidade de medida da representação social e que a Feira a classe dos fazendeiros, com suas prerrogativas de barões feudais, teve de ceder lugar a outras categorias, aos comerciantes, os liberais, a novos líderes, aos intelectuais, aos artífices, aos trabalhadores, aos construtores da Rio - Bahia. (BAHIA, 1986:44)

No livro *O bicho que chegou a Feira*, um tradicional fazendeiro decide abandonar seu antigo negócio com gado e transformar seu meio de vida em um pólo industrial. Essa mudança de perspectiva nada mais é do que um “[...] modo permanente de governo dos que se achavam escolhidos pelo destino para mandar no mundo”. (SODRE, 1991:146)

Nesse romance, "todo modernizador", Lulu do Boi é visto como um golpista visceral. Para identificá-lo era necessário observar, ou melhor, como disse um velho senhor da trama, apreciar. Só assim, veríamos que o golpe vinha das mais distintas direções, além daquelas evidentes como Lulu Boi. Vinha dos letrados, dos diplomados, dos bancos, que sempre estiveram a favor do novo sistema.

Sinais de desconforto diante das novas exigências comportamentais ficam evidentes no enredo. O autor constrói o personagem Antão como o protagonista, que percebe a nova dinâmica e a metaforiza como a chegada de um *bicho*, sendo o grande causador das mudanças. Uma espécie de cobra, que sinalizava a permanência dos antigos detentores do poder, que apenas trocava de pele.

Os olhos atentos de Antão deduziu que havia pessoas da cidade infiltradas auxiliando os milicos. E assim, ele constatou:

No fim do mês, uma novidade estranha, ainda por cima desagradável, dessas que pegam todo mundo pelo pé, deixando cabreiro até o mais desconfiado. O advogado Celso Reis, o ilustre tribuno do foro feirense, o insigne docente de tudo no

ginásio, era nada mais nada menos que agente de informações do governo.
(SODRE, 1991:102)

A fim de colocar os planos em prática, os antigos poderosos deram voz a um “padre-armado”. Ele seria responsável por reger os novos costumes a serem incorporados. No entanto, o tal padre, também chamado de capelão, foi visto pelos demais feirenses como algo “estrangeiro”, que ameaçava ao ritmo da vida local. Ele era “(...) um padre polonês, incorporado com patente de capitão à Polícia Militar do Estado e agora designado para fazer serviço em Feira. Dizia-se que vinha respaldado pelo Alto Comando das Forças Armadas na Bahia, preocupado com uma presumida disseminação de almas comunistas na cidade que era porta obrigatória do sertão”. (SODRE, 1991: 23) O capelão “(...) apresenta-se, assim, como um missionário da modernização, empenhado em salvar almas da ameaça comunista e acabar com os anacronismos que entravavam o progresso.” (SODRE, 1991: 58)

Dentre as medidas tomadas pelo Padre-armado estava cortar os longos cabelos dos jovens rapazes, afirmando que a modernidade que o país necessitava era outra. Exigiu também novos comportamentos dos feirantes para “(...) carregar as galinhas de cabeça para cima, sob alegação de que era a forma civilizada e moderna.” (SODRE, 1991:74)

Eram medidas, à primeira vista, um tanto quanto absurdas, que deixavam muitos dos feirenses indignados ao ponto de não se alertar para o principal: a chegada dos novos tempos em que as pessoas seriam reprimidas e seguir ordens. Tempos de ditadura. Segundo um dos personagens, essa terra não precisa nem sequer de poesia, mas sim bater continência a ordem e ao progresso.⁵

Reforçando essa ideia, aparece o comentário de um jovem proprietário de terra, Justo Filho, afirmando que havia uma revolução em marcha, e que este país tinha que ser modernizado a qualquer custo, para que todos pudessem comer, principalmente no campo. Segundo ele, as bandeiras contra a miséria e a favor de reforma agrária levantadas por ligas camponesas os atrasavam muito e felizmente estavam sendo varridas da história. Justo Filho ainda disse que o negócio da vez era a tal produtividade, e para isso era necessário acabar com anacronismos. Tirando da terra tudo que ela poderia dar, a fazenda teria que ser administrada racionalmente, como uma grande empresa, sem romantismos. Para ele, isso era progresso, um novo Brasil.

⁵ (SALES,1984:70)

A perspectiva da técnica e da racionalidade é melhor compreendida durante a leitura do *Fruto de Vosso Ventre*. Há no livro, situações em que os governantes deliberam suas ações sem qualquer consulta à comunidade. Eles justificam suas iniciativas alegando que estavam amparados por um conhecimento técnico que deveria ser inquestionável.

A primeira tomada de decisão foi o extermínio dos coelhos da ilha. A população desses roedores estava tão alta que superava a dos humanos. Esse aumento acarretou a necessidade de mais alimentos, e os coelhos estavam comendo quase a totalidade das hortaliças da ilha. Por esse motivo, os técnicos decidiram atraí-los para uma parte da ilha e bombardeá-la, causando a extinção dos animais.

Em seguida, outro problema surge: “(...) os homens começaram a procriar quase tanto quanto os coelhos. E no fim de algum tempo, do mesmo modo que os coelhos tinham sido uma ameaça à sobrevivência dos homens, os homens passaram a ser ameaça à sobrevivência de si próprios, pois havia homens demais para comer” (SALES,1984:7). No entanto, eles não poderiam fazer com os humanos o que fizeram com os coelhos. “Afim, um homem era um homem, e um coelho era um coelho”. (SALES,1984:7).

A solução então encontrada pelos técnicos foi criar um departamento de controle de natalidade. Dentre as deliberações desse órgão estava exigir que todas as mulheres grávidas passassem por uma avaliação de especialistas, os quais julgariam se a gestação deveria ou não ser interrompida. O que dizia se o aborto seria feito era o tempo. Caso já estivessem passados três meses, o processo natural daria seguimento, caso negativo, o feto seria retirado.

O uso do poder nesse caso, estava respaldado pelo conhecimento da técnica. Só quem a possuía seria capaz de resolver os problemas. No que diz respeito ao contexto social do Antares, a tecnologia e, conseqüentemente, a técnica também tinha seu lugar. Tornou-se quase consenso. Ao consultarmos os periódicos da década de 1970, encontramos matérias como essa, que tem o seguinte título: “Problemas Educativos: Solução Tecnológica”⁶. De acordo com ela, o Departamento de Assuntos Educacionais da Organização dos Estados Americanos afirmou que os problemas educacionais da América Latina deveriam ter uma solução tecnológica. Para eles, a moderna tecnologia permitiria usar com mais eficiência os recursos em função da educação. Cada país possuiria seus próprios recursos e suas metas educacionais.

⁶ Jornal *Folha do Norte*. Feira de Santana 09 jan. 1971, p.1.

Essas soluções podem ser entendidas como “a voz que denuncia a vida moderna”, definida por Marshall Berman, quando ele diz que “[...] a própria modernidade criou, na esperança – não raro desesperançada – de que as modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje.” (BEMAN, 1986:22-23).

Ao trazermos essas reflexões para o contexto da criação do Observatório Antares, percebemos o quanto as narrativas ficcionais, nos ajudam a compreender os diversos sintomas da modernidade. Não nos interessa nesse momento a veracidade dos episódios descritos nas obras, mas sim perceber o(s) imaginários que elas procuram expressar.

O fruto do vosso ventre, nesse sentido, é fundamental para falar da questão. Pois trata-se de um enredo que ocorre em uma ilha, essa por sua vez, não tem nome, é chamada apenas de ilha. Nela, existe a soberania do governo pautado na técnica. Levando essa ideia para o ambiente em que o Antares foi implantado, há uma grande semelhança.

Pois, o governo militar dos anos de 1960 era seguramente tecnocrático. O seu projeto passava pela seguinte tríade: ciência, tecnologia e educação. José Eduardo Ferraz Clemente afirma que:

Se por um lado, como sabemos, o golpe-civil militar, instaurado a partir de 1964, prendeu, torturou, exilou, cassou direitos políticos e suprimiu a liberdade de expressão da sociedade brasileira, de forma geral; por outro lado, os mesmos generais – presidentes e a política científica por eles implementada, apostava na planificação e articulação entre ciência, tecnologia e educação superior, como medidas de desenvolvimento. (CLEMENTE, 2014: 183)

Clemente usa a definição de Francisco Carlos Teixeira da Silva para dizer que esse sistema de governo foi uma espécie de “modernização autoritária”. Nessa época, ocorreram investimentos por meio da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), sob alegação de ser uma estratégia, em prol da segurança nacional e de interesse das comunidades científicas.

Os periódicos locais nos mostram que o incentivo dos milicos para a implantação do Antares não chegou por meio de uma agência financiadora como o FINEP, pois, apesar de se tratar de um Observatório Astronômico, não havia em seu corpo principal, astrônomos formados, e sim amadores. A ajuda foi mais pessoal do que se imagina. Ao tomar conhecimento da ideia, o governador Antonio Carlos Magalhães, além de fazer repasses consecutivos para a construção, estava com frequência presente em eventos da entidade.

Dessa maneira, podemos finalizar dizendo que o Antares, é um exemplo de uma experiência de modernização. Assim como os Currais Modelo do livro *Setembro na Feira* foram para os anos de 1940. O Antares é fruto do progresso que o “bicho” do romance o *Bicho que chegou a Feira* trouxe. Pois aquela cidade, que vivia do comércio, agora aprendia a conviver também com um Observatório Astronômico e tantas outras “modernagens”. Até uma Universidade foi criada. E quem fez isso tudo? Os tecnocratas que estavam no poder, muito parecidos com os que estão representados na obra de Herberto Sales, *O fruto do vosso ventre*.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. *Setembro na Feira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*: tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loriatti. São Paulo. Companhia das Letras, 1986

CLEMENTE, José. “A ciência durante a ditadura militar: a criação da pós-graduação na universidade federal da Bahia e o caso da geofísica (1964-1985). In: ZACHARIADES, Grimaldo (org). *Ditadura militar na Bahia*: histórias de autoritarismo, conciliação e resistência. Salvador: EDUFBA, 2014. p.184

CORREA, D. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade* em João Durval Carneiro. (1967-1971). 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

Jornal *Feira Hoje*, Feira de Santana, 4 set. 1971.

Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 31 dez. 1974.

Jornal Folha do Norte. Feira de Santana 09 jan. 1971.

MAGALHAES, Ferreira. *Historia nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães*, Aldo José Morais Silva, Clovis Frederico Ramaiana Morais Oliveira. Feira de Santana:UEFS Editora, 2009.

OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2a ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p.9.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Editora Itapuã, 1968

SALES, Herberto. *O Fruto do Vosso Ventre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1984

SODRE, Muniz. *O bicho que chegou a Feira*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1991